

PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO: POSSÍVEIS DIÁLOGOS¹

PSYCHOANALYSIS AND EDUCATION: POSSIBLE DIALOGUES

PSICOANÁLISIS Y EDUCACIÓN: POSIBLES DIÁLOGOS

GABRIEL, Fábio Antonio
fabioantoniogabriel@gmail.com
SEED PR - Colégio Estadual Rio Branco – Santo Antonio da Platina
<https://orcid.org/0000-0002-4990-4102>

PEREIRA, Ana Lúcia
ana.lucia.pereira.173@gmail.com
UEPG - Universidade Estadual de Ponta Grossa
<https://orcid.org/0000-0003-0970-260X>

JESUZ, Danilo Augusto
danilo.jesuz@ifpr.edu.br
Instituto Federal do Paraná, Jaguariaíva
<https://orcid.org/0000-0001-8798-074X>

RESUMO: Constantemente, ouvimos professores se queixando que o aluno de hoje não é mais como o de antigamente. Isso nos leva a questionar sobre o que de fato mudou ou tem afetado as relações que se constroem no contexto escolar. Na ânsia por buscar algumas respostas para essa questão, perguntamos: É possível um diálogo entre a Psicanálise e a Educação? Assim sendo, o objetivo deste artigo é apresentar reflexões sobre alguns estudos já realizados sobre a aproximação entre Psicanálise e Educação, bem como sobre possíveis encontros e desencontros entre esses dois campos. Os resultados dessas aproximações apontam que o caráter desejante dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e de aprendizagem, as suas subjetividades e os seus papéis nesse processo podem ser um caminho para dar-se um novo sentido às relações que se constroem no contexto escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Ensino e aprendizagem. Psicanálise. Relação professor e aluno.

ABSTRACT: Constantly, we hear teachers complaining that today's student is no longer like the one of the old days. This leads us to question about what has in fact changed or has affected the relationships that are built in the school context. In the eagerness to seek answers to this issue, we ask: Is a dialogue between

¹ O autor FAG agradece à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de doutorado – Código de Financiamento 001. A autora ALP agradece à Fundação Araucária pela bolsa produtividade em Pesquisa. O autor DAFJ agradece ao IFPR pelo afastamento para dedicação integral à pesquisa de doutorado.

Psychoanalysis and Education possible? Thus, the purpose of this paper is to present reflections on some studies already conducted on the approximation between Psychoanalysis and Education, as well as on possible matches and mismatches between these two fields. The results of these approximations point out that the desirability of the subjects involved in the teaching and learning process, their subjectivity and their roles in this process can be a way to give a new meaning to the relationships that are built in the school context.

KEYWORDS: Education. Teaching and learning. Psychoanalysis. Teacher and student relationship.

RESUMEN: Constantemente, oímos a los profesores que se quejan de que el alumno de hoy ya no es como el de antes. Esto nos lleva a cuestionar sobre lo que de hecho ha cambiado o ha afectado las relaciones que se construyen en el contexto escolar. En el anhelo por buscar algunas respuestas para esa cuestión, preguntamos: ¿Es posible un diálogo entre el Psicoanálisis y la Educación? De esta manera, el objetivo de este artículo es presentar reflexiones sobre algunos estudios ya realizados sobre la aproximación entre Psicoanálisis y Educación, así como sobre posibles encuentros y desencuentros entre esos dos campos. Los resultados de estas aproximaciones apuntan que el carácter deseoso de los sujetos involucrados en el proceso de enseñanza y aprendizaje, su subjetividad y sus papeles en ese proceso pueden ser un camino para dar un nuevo sentido a las relaciones que se construyen en el contexto escolar.

PALABRAS CLAVE: Educación. Enseñanza y aprendizaje. Psicoanálisis. Relación profesor y alumno.

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a sociedade contemporânea sofreu mudanças substanciais que têm afetado diretamente alguns contextos e relações sociais. Dentre eles, destacamos o escolar e as relações construídas a partir dele. Constantemente, ouvimos professores se queixarem que os alunos de hoje não são como os de antigamente, como se algo tivesse se perdido nesse processo.

Essa situação também nos remete a pensar: por que muitos alunos não sentem desejo em aprender, desejo de estar na escola, de fazer desse contexto um lugar para construção do conhecimento e, ou novas relações? O que podemos fazer para mobilizar o aluno para aprender? Esse é, certamente, um grande desafio da Educação. Como capturar, chamar atenção, trazer, despertar, o desejo de aprender no aluno?

O professor tem um papel fundamental nesse processo, pois ele pode influenciar o desejo do outro; nesse caso, do aluno. Nesse sentido, Baccon (2005)

destaca que o processo de ensino e aprendizagem que ocorre na sala de aula “[...] se constrói, principalmente, pela qualidade das relações que se estabelecem entre professor e aluno” (BACCON, 2005, p. 19).

É na construção dessa relação que o professor pode ocupar um lugar na construção do conhecimento do aluno, podendo estabelecer um vínculo, para que possa despertar o seu desejo em aprender. Considerar os aspectos subjetivos do sujeito, bem como seus desejos no processo de aprendizagem parece, portanto, ser um viés interessante para olharmos as relações que acontecem nesse contexto. Kupfer (2000, p. 120) destaca que “[...] é preciso resgatar um ensino em que o educador terá que se jogar no sabor do vento, sem intenção de manipular, fazer render”, ou seja, um ensino em que o professor permite que o aluno se coloque com toda a sua subjetividade.

Uma possibilidade para esse viés é buscar elementos, em uma perspectiva esclarecedora, em outros campos de conhecimento para além da Educação. Ao pensarmos nessa questão, acreditamos que uma articulação entre Psicanálise e Educação pode ser um caminho para encontrar algumas respostas, ou “um novo olhar às situações que ocorrem no interior da sala de aula, principalmente na relação professor-aluno” (BACCON, 2005).

Nesse sentido, Baccon (2005, p. 28) destaca que “[...] olhar para a Educação com os olhos da Psicanálise é, primeiramente, reconhecer as limitações do processo pedagógico, despojar-se de suas crenças e romper com todos aqueles hábitos, há tanto tempo adquiridos, com pontos de vista, verdades e valores pessoais”. Entretanto, para isso é necessário “inverter o atual modelo de ensino-aprendizagem que se encontra na maioria das escolas. É perceber que esse processo se dá muito mais pela pessoa do professor do que pelos métodos que ele utiliza” (BACCON, 2005, p. 29).

Assim sendo, na ânsia por encontrar um novo viés para olharmos o contexto escolar e suas relações, indagamos: É possível um diálogo entre Psicanálise e Educação? Para responder a essa pergunta, no presente artigo temos como objetivo apresentar algumas reflexões de alguns estudos já realizados sobre a aproximação entre Psicanálise e Educação, bem como sobre possíveis encontros e desencontros entre esses dois campos.



2 PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO: ALGUMAS REFLEXÕES

Neste texto, procuramos apresentar algumas reflexões e possíveis contribuições que a Psicanálise pode vir a oferecer para a Educação. Entre os autores que nortearam nossas investigações estão: Kupfer (2006, 2013), Couto (2003), Mrech (2003, 2005), Oliveira (1997), Mrech, Pereira e Rahme (2011), Mrech e Rahme (2011), Morgado (2002), Voltolini (2011), Cifali e Imbert (1999), Baccon (2005; 2011) e Roudinesco e Plon (1998).

Kupfer (2006, p. 16) relata a trajetória de Freud aos 17 anos ao escrever uma carta ao seu amigo Emil Fluss. Nela, ele confidencia o seu temor de cair na mediocridade. Kupfer (2006, p. 18) relata, ainda, que Freud “[...] era um leitor infatigável – chegou a comprar mais livros do que podia pagar”. Assim, foi se formando aquele que seria o pai da Psicanálise.

O início da vida profissional de Freud foi como neurologista. No contexto do final do século XIX, para psicose e histeria, havia explicações, sobretudo de cunho orgânico. Freud teve, no entanto, uma preferência em investigar cientificamente a histeria. Esta era predominante em mulheres e, em vez de se contentar em curar o sintoma, “[...] a Freud ocorria sobretudo observar, analisar e encontrar suas origens” (KUPFER, 2006, p. 34). Freud, em observações de pacientes, percebia o ego como estrutura responsável para defender o *eu* daquilo que fosse perigoso.

Freud intuiu que muitas das suas pacientes histéricas sofriam com uma sexualidade reprimida, que, somaticamente, manifestavam-se por uma histeria. A moral que reprimia a sexualidade atuava como um motor para as manifestações histéricas. Contudo, “Freud se dá conta de que há, no interior da própria sexualidade, um desprazer – e é esse desprazer que dá força à moralidade, não o contrário” (KUPFER, 2006, p. 37). Freud considerava que era necessário, mesmo nas pessoas saudáveis, o recalque da sexualidade, porque esta garantia a própria sobrevivência individual e grupal. No entanto, em algumas pessoas, esse desejo reprimido acabava se manifestando patologicamente.

Ao longo de suas investigações, Freud formulou a hipótese de uma sexualidade infantil e questionou o fato de, até então, ser considerado que a sexualidade humana

se consolidava como realidade a partir da puberdade. Em 1905, Freud publicou três ensaios para uma teoria sexual. Um desses ensaios intitula-se *A sexualidade infantil*. Freud chegou à conclusão de que, já na infância, “[...] a pulsão sexual pode ser decomposta em pulsões parciais” (KUPFER, 2006, p. 40), quais sejam: “[...] pulsão oral, no caso do prazer de sucção; anal, no caso da defecação; escópica, no caso do olhar” (KUPFER, 2006, p. 40). Freud descobriu algo relevante no que se refere ao nosso interesse pela psicanálise que estabelece um diálogo com a educação: “[...] a pulsão sexual é passível de se dirigir a outros fins que não os propriamente sexuais: é passível de sublimação” (KUPFER, 2006, p. 42). A educação, portanto, pode ser útil no sentido de canalizar as pulsões sexuais em direção a valores superiores. A própria cultura seria fruto da própria sublimação desses impulsos.

Roudinesco e Plon (1998, p. 734) tecem interessantes considerações a respeito desses estudos que Freud vivenciou, como a experiência de sublimação e como tal experiência se desdobrou na teoria freudiana:

Sem dúvida, Freud atribuía à sublimação um lugar ainda maior, na medida em que ele mesmo declarou que, a partir dos 40 anos de idade, após o nascimento de seu quinto filho, havia praticamente suspenso qualquer relação carnal e posto sua atividade pulsional a serviço de sua obra, assim se inscrevendo no panteão dos grandes homens a quem admirava. Foi em 1905, em seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, que ele deu sua primeira definição da sublimação. Depois disso, em toda a sua obra, e especialmente nos textos reunidos sob a categoria de psicanálise aplicada, a sublimação serviu para compreender o fenômeno da criação intelectual (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 734).

Freud formulou também o conceito de inconsciente, como uma instância que se encontra além da capacidade humana de ser controlada pelo querer. Do inconsciente, sobre o qual discutimos ao longo deste texto, provinham impulsos que a educação não permitia que se manifestassem. Então, acabavam se sublimando, desviados do impulso inicial.

Contudo, qual a relação entre a Psicanálise e a Educação? Voltolini (2011, p. 9) auxilia-nos a contextualizar o problema da relação entre Psicanálise e Educação, afirmando que se instala um paradoxo quando observamos a obra de Freud, uma vez que, embora não encontremos diretamente textos sobre educação, menções temáticas sobre ela pontuam toda a obra de Freud. Voltolini (2011) salienta que “[...]”

a posição da psicanálise no campo educativo é a de desmontar a pedagogia enquanto discurso mestre e exclusivo sobre a educação” (VOLTOLINI, 2011, p. 10).

O autor tematiza a máxima de Freud (1980) que afirma a existência de três missões impossíveis, quais sejam: educar, curar e governar. No entanto, “impossível” não quer dizer “inexequível”; desse modo, o impossível configura-se uma possibilidade. Voltolini (2011) comenta que Kant já havia afirmado que governar e educar seriam expressões impossíveis; e Freud acrescentou *curar*.

Assim sendo, passamos a expor conceitos apresentados por Baccon (2005; 2011), considerados relevantes para a investigação da relação entre Psicanálise e Educação. Os conceitos apresentados pela autora destacam a estruturação do sujeito; a transferência; o sujeito suposto saber; o professor como sujeito suposto saber; o professor como lugar.

A estruturação do sujeito, segundo a Psicanálise, centraliza o tema em discussão. Baccon (2011) destaca que, para a Psicanálise, “[...] o sujeito é estruturado como ser de desejo, sujeito do inconsciente, [em que] o inconsciente é uma estrutura estabelecida através da linguagem” (BACCON, 2011, p. 45). Na perspectiva de Lacan, segundo a pesquisadora, o inconsciente é estruturado em forma de linguagem. A autora intensifica suas considerações afirmando que, mediante a fala, o sujeito se constitui.

Existe um discurso intencional que parte da nossa dimensão racional. Esse discurso é regido por nossa dimensão consciente, mas existe outra, a do discurso, que não é intencional e provém do inconsciente. Aparece como um tropeço, algo que escapa do controle. Um exemplo desse discurso é o ato falho em que a pessoa acaba dizendo o que não queria dizer, mas era o que desejava inconscientemente dizer. Em perspectiva lacaniana, o inconsciente manifesta-se quando o conteúdo não programado racionalmente se manifesta. Assim, “[...] o inconsciente está relacionado com o desejo do sujeito, pois se esconde no desejo do Outro o desejo do primeiro se constituir. A fala e os desejos dos outros despertam desejos através do discurso. Em suma, o sujeito deseja do Outro aquilo que falta para ele” (BACCON, 2011, p. 46). Nos dizeres de Kupfer (2013):

Para a psicanálise, o sujeito do inconsciente se constitui na e pela linguagem, sendo, portanto, feito e efeito de linguagem. Desta perspectiva, a linguagem

não é instrumento de comunicação, mas a trama mesma de que é feita o sujeito. Tal formação aparece de modo evanescente, nos interstícios das palavras, como produto do encontro entre elas (KUPFER, 2013, p. 28).

Nesse sentido, Baccon (2011) entende que olhar psicanaliticamente a educação é perceber que o processo de ensino e de aprendizagem se encontra mais na pessoa do professor do que no discurso teórico que ele traz, porque o professor representa o modelo de Outro que pode influenciar o desejo do aluno. A autora enfatiza a importância da fala do professor em sala, que demarca significativamente a sua relação com o aluno. “A fala ocupa um lugar estratégico na relação professor-aluno, é ela que cria ou não a própria relação” (MRECH, 2003, p. 12). Dependendo da postura do professor, ele pode ou não despertar o desejo pelo saber do aluno. Nas palavras de Voltolini (2011, p. 33): “Apreender indica muito mais uma operação ativa, de ir lá e pegar algo no campo do Outro, do que receber passivamente algo do outro que me ensina”.

Outro conceito analisado por Baccon (2011, p. 50) é o de *transferência*². Trata-se do termo que define, segundo Freud,

[...] um processo constitutivo do tratamento psicanalítico mediante o qual os desejos inconscientes do analisando concernentes a objetos externos passam a se repetir, no âmbito da relação analítica, na pessoa do analista, colocado na posição desses diversos objetos (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 766-767).

Em 1900, na obra *A interpretação dos sonhos*, Freud menciona, pela primeira vez, o termo “transferência” (KUPFER, 2006, p. 87). O pai da Psicanálise percebe que restos de imagens diurnas eram transferidas para o sonho, sofrendo uma modificação própria. Entretanto, Freud percebe que o analista também recebia por parte do paciente um resto diurno, “[...] transferindo, para ele, imagens que se relacionavam com antigas vivências do paciente com outras pessoas” (KUPFER, 2006, p. 87). O paciente, por exemplo, a partir de um determinado período da análise, passava a

² Roudinesco e Plon (1998, p. 767), com relação ao entendimento de inconsciente em Lacan, afirmam: “Em seu seminário do ano de 1954-1955, dedicado ao eu e aos escritos técnicos de Freud, Lacan inscreveu a transferência numa relação entre o eu do paciente e a posição do grande Outro. Sua problemática ainda não estava em ruptura total com as leituras psicologizantes do texto freudiano: o Outro continuava a ser concebido como sujeito e, se o analista podia criar obstáculos ao estabelecimento ou à consumação da transferência, era em virtude da ostentação laudatória de seu eu”.

relacionar-se com Freud de modo similar como se relacionava com o seu pai, inclusive manifestando certo temor pelo pai ser autoritário³.

Para Freud, a transferência pode ser classificada em positiva e negativa. A negativa acontece quando o que é realimentado pelo analisando são sentimentos agressivos; e a positiva, quando são revividos pelo analisando sentimentos amistosos que se transferem para a figura do analista. Baccon (2005) destaca que do mesmo modo que ocorre a transferência entre analista e analisando, também pode ocorrer na relação professor e aluno. Esta ocorre, sobretudo, por meio da fala. Para a autora, não há aprendizagem sem uma relação entre aquele que ensina e aquele que aprende. “O fenômeno transferencial revela-se, portanto, como geral e inevitável, repetindo-se em todas as relações intersubjetivas e, conseqüentemente, também na relação educativa” (COUTO, 2003, p. 81). Ao pensarmos na formação de professores, podemos apontar para a importância do trabalho dos professores que lidam na formação de novos professores, porque, nessa relação de transferência entre os formadores e os formandos, se instalam laços de afeto que contribuem para a formação da identidade dos futuros docentes.

Morgado (2002, p. 112) afirma que a transferência do aluno para o professor possibilita inicialmente uma relação entre professor e aluno. No entanto, trata-se de uma relação que advém de algo anterior, evocada pela transferência e, “[...] ao reviver o passado, o aluno não vê o professor real” (MORGADO, 2002, p. 112). É importante ressaltar que o aluno revive uma figura parental, seja por elementos positivos, como o amor; seja por evocações negativas, como o ódio, mas revive também o temor e o fascínio pela figura parental. Morgado (2002) esclarece sobre a relação transferencial nos seguintes termos:

Quando transfere o amor e/ou a hostilidade para o professor, o aluno atende à libido fixada no passado conflitivo. Ao mesmo tempo, resiste à recordação desse passado porque atua os sentimentos dele provenientes como se pertencessem à relação presente. Repetindo incessantemente o amor e o

³ Kupfer (2006, p. 88) cita Freud que esclarece um pouco mais sobre seu entendimento sobre transferência: “‘Que são transferências?’ perguntava Freud, no epílogo de ‘Análise fragmentária de uma histeria’, escrito em 1901. E ele próprio respondia: ‘São reedições dos impulsos e fantasias despertadas e tornadas conscientes durante o desenvolvimento da análise e que trazem como singularidade característica a substituição de uma pessoa anterior pela pessoa do médico. Ou, para dizê-lo de outro modo: toda uma série de acontecimentos psíquicos ganha vida novamente, agora não mais como passado, mas como relação atual com a pessoa do médico’”.

ódio, tende para o ciclo vicioso que impede sua relação com o conhecimento: atribui ao professor a função de objeto da pulsão e não a função de mediador. As energias libidinais que deveriam convergir para a atividade intelectual estão aprisionadas à revivescência do conflito infantil. [...] Para que o conhecimento ocupe o centro da relação pedagógica, é necessário que a intensa transferência afetiva dê lugar aos sentimentos ternos e à curiosidade. Dessa maneira, o aluno desenvolverá os elementos psicológicos necessários à sua emancipação intelectual (MORGADO, 2002, p. 113).

Não apenas o aluno realiza o desenvolvimento de uma transferência em relação ao professor, mas também o caminho inverso pode acontecer. “[...] o professor também age e reage através de seu circuito transferencial” diz Mrech (2003, p. 64); e “Lacan assinala que a relação transferencial possibilita atualizar o conteúdo do inconsciente dos sujeitos” (MRECH, 2003, p. 64). Lacan, na década de 1950, considerava a noção de transferência voltada às questões da afetividade do sujeito. Todavia, Lacan, aos poucos, afasta-se desse entendimento e afirma, mais tarde, que a criança, ao estabelecer uma relação transferencial, não apenas imita aquilo que é proposto pelo adulto, mas também assimila essas atitudes dos adultos como modelos ideais.

Outro conceito apontado por Baccon (2011, p. 53) é *sujeito suposto saber*. O que isso significa? Também consiste em uma transposição da realidade psicanalítica de atendimento do analisando pelo analista, que é transposta para o ambiente educacional. O psicanalista acolhe o analisando e deixa que ele fale livremente, permitindo a livre associação de ideias. O analisando, por sua vez, acredita que o analista é o sujeito suposto saber que tem a resposta para seus problemas existenciais; acredita que ele conhece de antemão aquilo que ele, analisando, busca, o que é uma ilusão. Todavia, com base em tais dados, é que o analista pode auxiliar o analisando porque “[...] o analista, no início, nada sabe a respeito do sintoma do analisando, mas, como este o coloca nessa posição de sujeito suposto que sabe, a ele é endereçado certo saber” (BACCON, 2011, p. 54).

Nessa perspectiva, analogicamente, o professor também ocupa a posição de sujeito suposto saber. Mrech (2005, p. 27) afirma que o saber em psicanálise é “[...] um saber não tecido a partir do lugar do mestre, mas do saber inconsciente, um saber descentralizado que conduz o sujeito antes de ser conduzido por ele” (MRECH, 2005, p. 27). O professor possui um lugar todo especial diante da posição do aluno, é aquele que conhece, aquele que estudou e se formou. Nesse sentido, é alguém apto para



transmitir conhecimentos para o aluno; e o aluno, por sua vez, coloca no professor a sua confiança. Quando exerce sua função, é dirigido ao professor uma espécie de transferência que o concebe como possuidor de um saber, um saber que ele pode nem ter plenamente, mas lhe é colocada essa confiança. Kupfer (2006, p. 84) enfatiza a ideia da importância da relação com o Outro no processo de ensino e aprendizagem:

O ato de aprender sempre pressupõe uma relação com outra pessoa, a que ensina. Não há ensino sem professor. Até mesmo o autodidatismo supõe a figura imaginada de alguém que está transmitindo, através de um livro, por exemplo, aquele saber. E no caso de não haver sequer um livro ensinando, o aprender como descoberta aparentemente espontâneo supõe um diálogo interior entre o aprendiz e alguma figura qualquer, imaginada por ele, que possa servir de suporte para esse diálogo (KUPFER, 2006, p. 84).

Diante dessa proposição de considerar o professor como sujeito suposto saber, Baccon (2011) vai mais longe e propõe o professor como lugar. Evidentemente, não se trata de um lugar físico, uma extensão. O professor estabelece, enquanto ocupa a posição de sujeito suposto saber, uma relação transferencial com o aluno e, por meio dela, pode-se estabelecer um laço. Miller (2000 *apud* BACCON, 2011) fala em estabelecer o lugar e o laço e afirma: “Um psicanalista pode ser definido como o lugar que exige que se coloque algo de seu” (MILLER 2000, p. 5 *apud* BACCON, 2011, p. 57). É mediante essa relação transferencial, quando positiva, que se transfere o amor entre professor e aluno. Esse fenômeno possibilita e propicia as condições para que surja a expressão da afetividade entre professor e aluno e, por intermédio dessa relação de amor, se estabelece o processo de ensino e de aprendizagem. Baccon (2011) esclarece sobre esse estabelecimento do lugar da seguinte forma:

Na construção do lugar, além de o professor colocar algo de seu, ele precisa sentir que pertence a esse lugar. Para que isso aconteça, a escola precisa ser vista como espaço privilegiado para a construção do saber, para a formação do sujeito, onde o aluno possa sentir que também pertence a esse lugar, que pertence a um grupo, que pertence a alguém. Alguns professores sentem que não pertencem a lugar nenhum, por isso, não conseguem sustentar e nem falar a partir do seu lugar. É preciso que esse sentimento de pertencimento surja no interior das escolas, e que professor e aluno definam seus lugares (BACCON, 2011, p. 59).

Buscamos, nas reflexões aqui apresentadas, apontar algumas relações e analogias entre a estrutura que o analista faz uso ao ocupar o seu lugar, no processo analítico, com aquele que o professor ocupa no processo de ensino e de

aprendizagem. Para isso, focalizamos alguns pontos importantes para a Educação e para o contexto escolar. Entretanto, existem, também, alguns encontros e desencontros na relação Psicanálise e Educação, que passamos a apresentar a seguir.

3 PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO: ENCONTROS E DESENCONTROS

Embora nosso objeto de estudo se proponha a perceber as contribuições entre Psicanálise e Educação, não podemos desconsiderar que, muitas vezes, houve interpretações que não aceitaram o “casamento” entre essas duas áreas. Kupfer (2013, p. 14) tematiza que a questão do mal-estar da civilização constituiu um dos objetos de estudos de Freud. Segundo a autora, Freud, paulatinamente, afastou-se da concepção de humanismo, cuja mola propulsora era a educação. Assim, no casamento entre Psicanálise e Educação, permanecem hiatos e questionamentos. Segundo a autora, Freud teceu uma crítica à educação de seu tempo, que se vinculava à ideia de progresso. A autora chega a destacar a inseparabilidade entre Psicanálise e Pedagogia com os seguintes dizeres:

Do ponto de vista teórico-epistemológico, sabemos que a pedagogia e a psicanálise são duas disciplinas que se opõem em estrutura. São e foram vãs as tentativas de criar “pedagogias psicanalíticas”. Nessa mesma esteira, as propostas de mesclar o “emocional” com o “cognitivo” passam a quilômetros de distância de uma psicanálise do sujeito radicalmente dividido, que não pode assimilar nada parecido com a proposta de uma inteligência emocional integradora e apaziguadora (KUPFER, 2013, p. 19).⁴

Encontramos, em contraposição, duas vertentes principais na história do movimento psicanalítico (nas origens), no sentido de tentarmos conciliar Psicanálise e Educação. Oliveira (1997, p. 134) vem em nosso socorro nessa investigação ao perceber as ocorrências em que Freud tematizou a Educação e como ele percebia as interpelações entre Psicanálise e Educação.

⁴ Oliveira (1997) apresenta Millot, que produziu uma tese também em sentido contrário à união entre Psicanálise e Educação: “C. Millot (1979) fez uma tese e publicou um livro precisamente com o título ‘Freud anti-pegagogo’, onde tenta provar a impossibilidade de uma pedagogia inspirada na psicanálise, limitando-se Freud – segundo a autora – a criticar severamente a educação repressiva e a aconselhar os educadores e educandos a sujeitar-se à análise”.

Um primeiro marco chancela-se com uma carta de Freud ao pastor e pedagogo Oskar Pfister, datada de 9 de fevereiro de 1909. Nessa carta, Freud manifestou sua esperança de que “[...] a chama da psicanálise possa invadir outros domínios (a começar pela pedagogia), que, por sua vez, poderão vir a dar novo fôlego à psicanálise”⁵ (OLIVEIRA, 1997, p. 135). Assim, percebemos que Psicanálise e Educação eram tematizadas por Freud, e que, embora restem diferenças entre os campos de atuação de cada uma delas, ambas se inter-relacionam e podem oferecer contribuições recíprocas. Ainda nessa mesma carta, Freud confia a Pfister a tentação de adentrar com suas contribuições no âmbito da pedagogia e seu entendimento de que os pedagogos devem se servir, seja no âmbito prático, seja em âmbito teórico da psicanálise (OLIVEIRA, 1997, p. 135).

Oliveira (1997, p. 136) afirma que, na obra *Projeto duma Psicologia* (1895), Freud apresenta uma compreensão da educação como repressão ao afirmar que o “[...] o desprazer é único meio educativo”. Já na obra *A interpretação dos sonhos*, segundo Oliveira (1997, p. 136), Freud aborda o fenômeno de que o pai dedica maior atenção à filha, e a mãe tem predileção pelo filho. Em *Três ensaios* (1905), Freud “[...] também não aconselha uma educação demasiado mimada que pode tornar-se prejudicial para a criança, acelerando a maturidade sexual e habituando mal a criança às privações da vida” (OLIVEIRA, 1997, p. 136). Freud, no ensaio *Sobre Psicoterapia* (1905), fez, pela primeira vez, uma análise comparativa entre Educação e Psicoterapia. A terapia seria uma reeducação, sendo, assim, um trabalho educativo que procura superar as resistências internas. Já em *A questão da análise profana* (1926), Freud defende uma convergência entre Pedagogia e Psicanálise:

Quando uma criança apresenta sintomas neuróticos, nem o pediatra, nem um médico em escola podem fazer algo por ela. Ao contrário, mediante tratamento ‘que uma influxo analítico a medidas educativas’ consegue rapidamente suprimir os sintomas nervosos e evitar a deterioração do caráter (OLIVEIRA, 1997, p. 144).

Oliveira (1997, p. 138) também indica que Freud, no prefácio que, em 1913, escreveu para uma das obras de Oskar Pfister, expôs seu entendimento entre

⁵ Textualmente um fragmento da carta é: “Esperamos que a centelha que preservamos laboriosamente da extinção sobre o nosso terreno, atizando-a sem cessar, se transformará sobre o vosso num incêndio onde poderemos nós mesmos ir buscar um tição inflamado” (OLIVEIRA, 1997, p. 135).

Psicanálise e Educação. No início, Freud estabelece a relação entre educação e terapia. A primeira trata de prevenção e profilaxia das perversões e das neuroses. A segunda tem como objetivo entrar em ação quando os sintomas já aparecem e, além disso, procura amenizar os danos da neurose. Como ele já havia dito no ensaio *Sobre Psicoterapia* (1905), a terapia seria uma reeducação. No mesmo ano, Freud escreveu o ensaio *O interesse da Psicanálise* (OLIVEIRA, 1997, p. 139). Nele, Freud tenta uma aplicação da psicanálise aos diversos campos do saber, como: “[...] filologia, filosofia, biologia, história da evolução e da civilização, estética, sociologia e finalmente pedagogia” (OLIVEIRA, 1997, p.139).

Com relação à pedagogia, Freud “[...] insiste mais no que não deve ser a educação do que propriamente no que deva ser, embora acrescenta alguns conceitos ao dito anteriormente, particularmente o mecanismo de sublimação” (OLIVEIRA, 1997, p. 139). Ao falar do interesse pedagógico da psicanálise, Freud defende a ideia de que só pode ser um bom educador aquele que consegue adentrar e compreender a alma infantil. Ele afirma que é importante uma educação que não seja repressora porque “[...] a repressão violenta dos impulsos não leva ao seu desaparecimento, mas unicamente ao recalçamento e consequentes neuroses” (OLIVEIRA, 1997, p. 140).

Ao finalizar a XXII Lição, em *Conferências de introdução à psicanálise* (1917), Freud relaciona os princípios do prazer e da realidade com a educação e com o desenvolvimento do ego. “Educado para a renúncia à satisfação imediata, o ego torna-se razoável e já não se deixa dominar pelo princípio do prazer, adaptando-se ao princípio da realidade, que, no fundo, tem igualmente por fim o prazer” (OLIVEIRA, 1997, p. 142). Já no prefácio para o livro de Aichhorn, Freud constata que, de todas as aplicações em outras áreas do conhecimento, nenhuma suscitou tanta esperança quanto à que se refere à aplicação da Psicanálise à Educação.

Uma primeira empreitada constituiu-se no intuito de criar uma disciplina: Pedagogia Psicanalítica. Os expoentes que defendiam essa posição eram Oskar Pfister e Hans Zulliger na Suíça. Em outro grupo, temos como expoentes principais Anna Freud, filha de Freud, além de Melaine Klein. Esse grupo acreditava na importância de se divulgar para os pais as informações psicanalíticas (KUPFER, 2006, p. 67).

Do primeiro grupo, destacamos a atuação de Oskar Pfister, pastor protestante, que publica, em 1917, *O campo da Psicanálise*. Ele defendeu a aplicação prática da psicanálise na educação, procurando usar as forças do inconsciente para a prática do bem. Kupfer (2006, p. 67) esclarece o posicionamento de Pfister do seguinte modo:

No pensamento de Pfister, duas orientações são bastante claras: o educador deve funcionar como analista, ao mesmo tempo em que deve lembrar-se de que persegue um fim moral. No entanto, Pfister sabia muito bem que um analista deve confiar a outros a estruturação da visão de mundo e da concepção de vida, pois a Psicanálise não é – Freud o afirmou diversas vezes – uma visão de mundo. Mas os educadores, diz Pfister, não podem esquecer sua orientação moral (KUPFER, 2006, p. 67).

Pfister pretendia aplicar os conceitos psicanalíticos diretamente à Educação, aliando também um casamento da Psicanálise com a moral. Todavia, a obra de Pfister não obteve grande aceitação - nem no movimento psicanalítico, nem no âmbito pedagógico a sua tentativa de unir moral à Psicanálise logrou êxito. “Pfister fundou a Associação Suíça para a Psicanálise Pedagógica, escreveu numerosos textos e fez conferências sobre a relação entre a psicanálise e a educação” (OLIVEIRA, 1997, p. 183).

Ainda no primeiro grupo que pretendia elaborar uma Pedagogia Psicanalítica, encontramos um seguidor de Pfister, que, a partir de 1911, passou a trabalhar de modo independente. Trata-se de Hans Zulliger, psicanalista que se dedicou a pensar uma psicanálise para crianças, o qual “[...] obteve bons resultados na aplicação da Psicanálise em crianças de 12 ou 13 anos dentro do sistema público oficial” (KUPFER, 2006, p. 68). Segundo Oliveira (1997, p. 184): “Zulliger defende uma melhoria na relação educativa entre professor e aluno, insurge-se contra os castigos geradores de ódio, estuda as inibições e dificuldades de aprendizagem” e, ainda, “[...] advoga a formação psicanalítica de professores e pratica pequenas psicoterapias” (OLIVEIRA, 1997, p. 184).

Na obra de Zulliger, uma referência, *As crianças difíceis*, de 1946, o autor adota o papel de psicanalista de seus alunos. Ele não pensou em uma psicanálise que pudesse ser aplicada a todos os alunos ou a métodos pedagógicos que levassem em consideração a psicanálise, mas, sim, buscou colocar a clínica psicanalítica como um gabinete no interior da escola. Ele se destacou por condenar castigos existentes na época, que puniam os mais indisciplinados, como, por exemplo, com o “[...]”

confinamento dos mais rebeldes em verdadeiras celas de prisão” (KUPFER, 2006, p. 69)⁶.

Outro grupo, o de Anna Freud, acreditava na importância de transmitirem-se aos professores conhecimentos psicanalíticos que contribuíssem com a educação dos estudantes. O grupo defendia “[...] a ideia que o analista devia ocupar um lugar de autoridade frente à criança, ‘convencê-la’ de que está doente e de que precisa da ajuda do analista” (KUPFER, 2006, p. 71). Em 1935, Anna Freud, com o objetivo de tornar acessíveis ao público em geral as temáticas centrais da Psicanálise e de introduzir principalmente os educadores nas temáticas em âmbito da educação, publica uma coletânea de conferências (OLIVEIRA, 1997, p. 187). Destacamos, entre as conferências, a 4ª Conferência intitulada *As relações entre psicanálise e pedagogia*. Sobre essa conferência, assim comenta Oliveira (1997):

A pedagogia psicanalítica procura educar no meio termo entre a satisfação e as restrições pulsionais impostas à criança. Ao menos a psicanálise põe à disposição da pedagogia três coisas: presta-se à crítica das formas de educação existentes; alarga o conhecimento humano do educador e aperfeiçoa a sua compreensão sobre as complicadas relações entre a criança e o educador; finalmente, como método de tratamento esforça-se por reparar danos causados durante o processo de ensino (OLIVEIRA, 1997, p. 188).

Cifali e Imbert (1999) salientam que Anna Freud constata especificidades na psicanálise com crianças, na medida em que a criança não tem vontade de cura, porque ela não tem consciência de sua doença. Assim, deve-se criar na criança uma preparação para a análise. A criança deixada por si mesma, sem apoio exterior, tenderia a buscar a “satisfação imediata de seus desejos” (CIFALI; IMBERT, 1999, p. 60).

Em outra posição, encontramos Meline Klein, que procurou superar uma visão de educação e de psicanálise como práticas corretivas. “Ela apontou a necessidade de se encarar as manifestações de fantasia como algo inerente à constituição das

⁶ Cifali e Imbert (1999, p. 74) assim comentam sobre Zulliger: “Em seu texto de 1936, Zulliger escreve: ‘A pedagogia psicanalítica é um método de educação que se apoia na compreensão psicanalítica das crianças em sua singularidade de indivíduos e como grupo, bem como na compreensão das reações dos educadores. Ela visa tornar as crianças sociáveis, isto é, capazes de viver em comunidade’. A partir de sua leitura de Freud, Zulliger se vê então levado a observar, a propósito dessa pedagogia psicanalítica, ‘que se trata menos de uma psicologia individual e de relações duais nuançadas por afetos e por libido do que de uma pesquisa, de um conhecimento e de uma regulação consciente das relações psíquicas entre uma comunidade e seu guia”.

crianças e até mesmo indispensável a elas” (KUPFER, 2006, p. 72). Klein, com base em suas pesquisas, chega à conclusão de “[...] um superego demasiado esmagador e sádico que afeta a criança” (CIFALI; IMBERT, 1999, p. 60) e, assim, caberia ao psicanalista contribuir, como no caso do adulto, para aliviar a ação do superego. Segundo Oliveira (1997, p. 188), Melaine Klein publicou *Ensaio de Psicanálise*, uma reunião de textos escritos entre 1921 e 1941. Neles, encontram-se “[...] amplas referências à educação, particularmente em alguns artigos, com títulos como ‘o papel da escola no desenvolvimento libidinal da criança’ ou ‘contribuição para a teoria da inibição intelectual’” (OLIVEIRA, 1997, p. 188).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos o presente artigo com o objetivo de apresentar algumas reflexões e possibilidades de diálogos entre a Psicanálise e a Educação. Na primeira seção, abordamos o papel do analista e do professor, trazendo alguns autores que buscaram aproximações entre esses dois campos, bem como os conceitos que utilizaram para sustentá-las. Ideias como o professor com um lugar, como a apresentada por Baccon (2005), remete-nos a pensar em aspectos interessantes que podem ser transpostos para o campo educacional, como a ideia de se estabelecer um laço e que se coloque algo de seu, no processo de ensinar, assim como o analista no processo analítico.

Da mesma forma, pensar sobre a função do analista, pois, embora seja mais a de escutar do que falar, “[...] ele fala de algum lugar, ou seja, fala e age segundo a sua formação, segundo a experiência, que teve durante a análise” (BACCON, 2005, p. 123), tornando-se um lugar fundamental, cujo objetivo é levar o analisando ao encontro do conhecimento, daquilo que causa o seu sintoma. Assim como a autora, acreditamos que o professor também fala de algum lugar, a partir de sua formação, dos saberes que constrói durante a sua trajetória como educador, e que pode, a partir desse lugar, também levar o aluno ao encontro do conhecimento.

A análise, neste artigo, das relações, das aproximações e dos diálogos permite-nos apontar que nenhum deles tinha como objetivo tornar o professor um analista, ou que eles ocupem esse papel. Apesar das impossibilidades apontadas por Freud (1980), na difícil tarefa de educar, é preciso que professores e alunos assumam o seu



papel e a sua responsabilidade no processo de ensino e aprendizagem. As reflexões aqui apresentadas revelam que isso é possível na medida em que o professor perceba que ele não precisa ser considerado o único detentor do saber; que o aluno pode aprender falando e o professor escutando. Contudo, para isso, precisamos inverter o tradicional modelo de professor conforme destaca Baccon (2005). Afinal, conforme destaca a autora a função essencial do professor é levar o aluno ao encontro, à construção do conhecimento, sem prendê-lo para si.

Na segunda seção, apresentamos algumas reflexões sobre os possíveis encontros e desencontros entre Psicanálise e Educação. Concordamos com Oliveira (1997) quando aponta que, embora existam grandes diferenças entre os campos de atuação em cada uma delas, elas se inter-relacionam, e ambas podem encontrar contribuições recíprocas. Assim como Zulliger, acreditamos também que a compreensão psicanalítica dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e de aprendizagem, como grupo, bem como com suas singularidades, pode tornar a convivência de ambos sociáveis.

As contribuições e os diálogos entre a Psicanálise e a Educação também apontam que a pessoa do professor e as relações que ele constrói no processo de ensino e de aprendizagem podem ser um diferencial na vida de seus alunos, principalmente para que se promova o encontro entre conhecimento e saber. Assim, pensar em uma pedagogia psicanalítica, que perpassa a própria formação de professores, pode contribuir também para a melhoria da relação professor e aluno na medida em que relaciona conceitos psicanalíticos, como repressão, inibições e dificuldades de aprendizagem.

Nossos resultados apontam que, apesar de a Psicanálise e a Educação serem campos diferentes, é possível fazermos algumas aproximações entre ambos. Desse modo, considerar o caráter desejante dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, a sua subjetividade, as contribuições da escuta e da conversa; colocar-se no lugar de quem não sabe, a importância do acolhimento e seus papéis nesse processo, podem ser caminhos para dar um novo sentido para as relações e dificuldades que se constroem no contexto escolar.

FÁBIO ANTONIO GABRIEL:

Doutor e Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Licenciado em Filosofia e Bacharel em Teologia. Especialista em Ética; Ensino de Filosofia e Sociologia; Ensino Religioso. Foi bolsista de doutorado CAPES/Fundação Araucária. Professor de Filosofia da Rede Estadual do Paraná (20 horas) Contato: fabioantonio gabriel@gmail.com – site www.fabioantonio gabriel.com

ANA LUCIA PEREIRA:

Doutora (2011) e Mestre (2005) em Ensino de Ciências e Educação Matemática pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Professora do Departamento de Matemática e Estatística e dos Programa de Pós-Graduação em Educação e Programa em Ensino de Ciências e Educação Matemática (2017) na Universidade Estadual de Ponta Grossa. Bolsista de Produtividade da Fundação Araucária-Paraná. Contato: ana.lucia.pereira.173@gmail.com

DANILO AUGUSTO FERREIRA DE JESUZ:

Professor Pesquisador de Matemática do Instituto Federal do Paraná (IFPR) - Campus Jaguaíva. Mestre em Matemática pelo programa Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional pela Sociedade Brasileira de Matemática/Universidade Estadual de Londrina. Doutorando em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG. Contato: danilo.jesuz@ifpr.edu.br

REFERÊNCIAS

BACCON, A. L. P. *O professor como um lugar: um modelo para análise da regência de classe*. 2005. 166 f. (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná, 2005.

BACCON, A. L. P. *O professor como lugar: um modelo para análise da regência de classe*. Curitiba: Honoris Causa, 2011.

CIFALI, M.; IMBERT, F. *Freud e a pedagogia*. São Paulo: Loyola, 1999.

COUTO, M. J. de B. D'E. *Psicanálise e educação: a sedução e a tarefa de educar*. São Paulo: Avercamp, 2003.

FREUD, S. Prefácio à “Juventude Desorientada” de Aichhorn. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 19.

KUPFER, M. C. M. *Educação para o futuro: psicanálise e educação*. São Paulo: Escuta, 2000.

KUPFER, M. C. M. *Educação para o futuro: psicanálise e educação*. São Paulo: Escuta, 2013.

KUPFER, M. C. M. *Freud e a educação: o mestre do impossível*. São Paulo: Scipione, 2006.

MORGADO, M. A. *Da sedução na relação pedagógica: professor-aluno no embate com afetos inconscientes*. São Paulo: Summus, 2002.

MRECH, L. M. (Org.). *O impacto da psicanálise na educação*. São Paulo: Avercamp, 2005.

MRECH, L. *Psicanálise e educação: novos operadores de leitura*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

MRECH, L. M.; PEREIRA, M. R.; RAHME, M. (Orgs.). *Psicanálise, educação e diversidade*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2011.

MRECH, L. M.; RAHME, M. M. F. *Psicanálise, educação e contemporaneidade: novas interfaces e dimensões do lado social*. In: MRECH, L. M.; PEREIRA, M. R.; RAHME, M. (Orgs.). *Psicanálise, educação e diversidade*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2011. p. 13-26.

OLIVEIRA, J. H. B. de. *Filosofia, psicanálise, educação*. Coimbra: Livraria Almedina, 1997.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

VOLTOLINI, R. *Educação e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

Recebido em: 26 de junho de 2019

Aceito em: 01 de abril de 2020